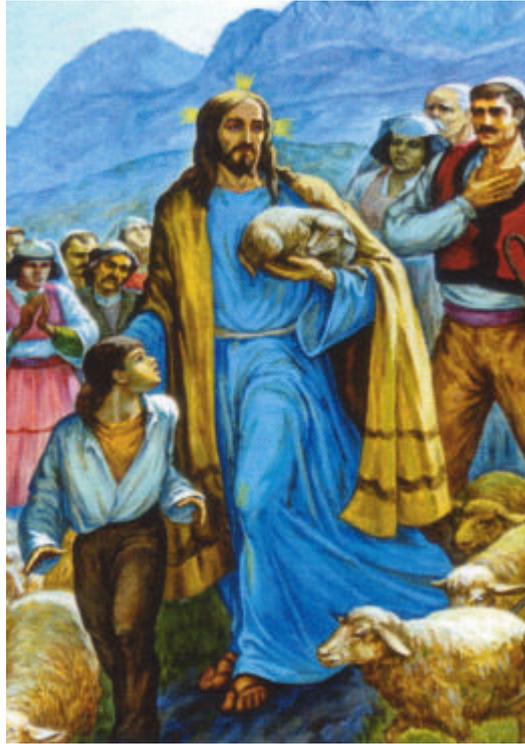


# Irmãos de Jesus Bom Pastor

## Pastorinhas



Itinerário de Lectio Divina  
em preparação ao Seminário  
sobre o ministério de cura pastoral

FICHA 2

*Imagem da capa:*

Jesus Bom Pastor com seu povo (*particular*)

*Autor:* Pjerin Sheldija

*Lugar:* Igreja de Krajn - Albânia

# “Tudo faço pelo Evangelho” (1Cor 9,1-27)

## 1. O contexto.

“Se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne” (8,13). Com este compromisso Paulo concluía o oitavo capítulo. Agora ele se apresenta como exemplo na defesa do irmão. Ele para não escandalizar os pequenos, renunciou a direitos muito mais relevantes do que o simples não comer carne imolada aos ídolos. O capítulo nove tem um forte teor autobiográfico. O apóstolo de Jesus, se apresenta à sua comunidade, dividida por graves incompreensões, como ícone de Cristo que vive a liberdade que lhe doada no “ágape”. Liberdade é autêntica quando se realiza no amor.

## 2. O texto.

**vv. 1-14:** A reflexão de Paulo inicia com uma série de repetidas perguntas que pressupõem uma resposta afirmativa. Paulo está defendendo-se daqueles que colocam dúvida ou contestam o seu apostolado.

O que urge é defender a sua liberdade e o seu ser apóstolo, de fato a primeira pergunta é justamente sobre a liberdade, enquanto que a segunda é sobre o seu ser apóstolo. Paulo é livre porque foi salvo pelo seu Senhor e a sua existência depende exclusivamente Dele.

O ser apóstolo se funda sobre um encontro real (vi o Senhor) que lhe dá a possibilidade de aproveitar daquelas prerrogativas que gozam também os outros apóstolos. Com precisão e de modo aferrado Paulo recorda à comunidade os seus direitos. O primeiro refere-se ao comer e beber (v.4). A comunidade deveria ter assegurado o seu alimento e estadia. O segundo, se quisesse - como os outros apóstolos - teria tido o direito levar consigo uma mulher (provavelmente esposa) e também esta devia estar a cargo da

comunidade. O terceiro consiste no poder de não trabalhar (v.6). O apóstolo está isento da obrigação de ganhar-se a vida trabalhando. Paulo afirma, portanto, com decisão de ter exatamente os mesmos direitos dos demais apóstolos e recorda que usufruir destes direitos não é por nada uma pretensão ilegítima. Aliás é o costume habitual a sugerir que aquele que presta um serviço e exercita um ofício, tem o direito de gozar do fruto de seu suor (v.7). Mesmo a Palavra de Deus prescreve que aqueles que estão colocados ao serviço de Deus possam gozar daquele sustento que lhes permite de dedicar-se exclusivamente ao serviço (vv. 8-12a).

As argumentações do apóstolo parecem conduzir à justificação que se a comunidade de Corinto tivesse provido às suas necessidades não teriam feito nada de extraordinário, aliás teriam cumprido um dever humano e religioso do qual também os outros evangelizadores, legitimamente, gozavam. Na realidade, se Paulo recordou estas motivações, é para afirmar que ele é totalmente livre de poder renunciar ao exercício do seu direito para que nada possa ser de empecilho ao Evangelho. Ele não contesta quem exercita um tal direito, aliás o confirma, mas quer que seja reconhecida e aceita a sua opção de não servir-se destas prerrogativas.

**vv.15-18:** O que impele Paulo a uma escolha que parece radical, é na realidade consequência daquela experiência de salvação que ele viveu e que agora esta modela e plasma a sua existência. Ele explicita que recordar estes direitos não é um modo “educado” para que os Coríntios se regulem também com ele ao modo dos demais evangelizadores (preferirei antes morrer), ele renunciou porque o anúncio do Evangelho é para ele uma necessidade (liter. Anàkn). A expressão forte, indica, de fato, uma necessidade irresistível fatal que o derrubou e o invadiu totalmente e de modo permanente. Agora a razão da sua vida está ligada indissolavelmente à causa do Evangelho, à necessidade de anunciá-lo e a sua recompensa é aquela de pregá-lo gratuitamente.

**vv. 19-27:** Se a causa do Evangelho é a necessidade que guia irresistivelmente o agir de Paulo, então se compreende que a sua liberdade é em função do serviço: Paulo não concebe a

sua liberdade como auto determinação radical, mas como condição para conformar-se a Cristo e por conseqüência de servir incondicionalmente os irmãos a quem foi enviado, sejam eles judeus ou gregos. Deve ser claro que Paulo não “acomoda” o Evangelho aos destinatários, conforma si mesmo ao Evangelho em cada situação, em cada circunstância. A liberdade não é um valor absoluto, mas relativo à caridade pastoral. Não são mais as minhas necessidades a dar o ritmo às minhas opções mas as necessidades dos destinatários: “Tudo faço pelo Evangelho para Dele tornar-me participante”(v.23).

As palavras conclusivas de Paulo (vv.24-27) lembra a si mesmo que mesmo estando empenhado há tempo no anúncio do Evangelho ele não cessa de ser o primeiro ouvinte deste anúncio. A metáfora esportiva da Corrida e do Box, é emblemática de como o evangelizador é chamado a falar mais com a vida do que com as palavras. Também Paulo adverte o perigo que o ministério apostólico se torne uma “desculpa” para evitar de continuar um caminho de progressiva identificação a Cristo: para que não aconteça que depois de ter pregado aos outros eu mesmo seja desqualificado (v.27).

### **3. Atualização.**

As reflexões de Paulo são um autêntico espinho para cada anunciador do Evangelho. De fato, estas não se colocam no plano do direito mas do amor. Paulo, como evidenciamos no comentário, reconhece que aquilo que os outros evangelizadores aceitam da comunidade não é uma alternativa mas uma conseqüência da disponibilidade generosa deles a serviço da pregação e anúncio do Reino. Ele, porém, fez uma opção diferente e “combate” para que do mesmo modo da outra seja reconhecida legítima.

A sua liberdade, não quer ser, de nenhum modo, julgamento sobre quem se comporta de forma diferente, mas expressão de reconhecimento para Aquele que o libertou e salvou. Ser livre de poder anunciar o Evangelho sem nenhuma dependência, mesmo que legítima. O fim desta liberdade é, na verdade, o serviço incondicional aos irmãos de qualquer cultura e de qualquer proveniência. Somente quem é livre pode servir, livre de si mesmo e daquelas necessidades (frequentemente por nós construídas) que poderiam condicionar ou limitar.

Na leitura aos Romanos, o apóstolo exprime em modo eficaz a dimensão de liberdade e serviço: “Livres do pecado vos tornastes servos da justiça” (Rom 6,18). A liberdade, portanto, nos consente de servir e de anunciar o Evangelho, tendo sempre em frente o bem e o crescimento das pessoas a quem fomos enviadas. Frequentemente acontece que o “meu” projeto, as “minhas” qualidades, as “minhas” aptidões, os “meus” direitos podem tornar-se um hipócrita obstáculo ao serviço dos irmãos. É, sem dúvida, uma passo doloroso, mas necessário: saber depor também os dons que Deus nos deu reconhecendo que a fecundidade de nossa evangelização depende exclusivamente da medita do abandono de nós mesmas a Ele. É verdade, muitas vezes não somos realmente livres e por isso nos custa servir.

Nessa perspectiva, o lugar e a modalidade do anúncio se tornam relativas porque o que conta é o meu desejo de conformação a Cristo. Adaptar eu mesma ao Evangelho, fazer de modo que a minha vida esteja a plena disposição dos destinatários – judeus e gregos – é imersão na sua cultura nas suas expectativas e esperanças, na certeza que o autenticamente humano pertence a Cristo. Poder dizer na verdade: “ Tudo faço pelo Evangelho” .

Paulo não se esquece de ser discípulo e nas palavras conclusivas adverte o perigo de tornar-se um “profissional” do anúncio aos outros. Onde os dons são maiores, requer-se uma autêntica ascese para não esquecer que será mestre somente quem permanece discípulo.

#### **4. Em oração com a Palavra**

1. Contemplando a Cristo peço a graça de tomar consciência se na minha vida cotidiana “*tudo faço pelo Evangelho*”, na gratuidade de quem ser amado e salvo por Ele.
2. Seguidamente acontece que “o meu” projeto, as “minhas” qualidades, as “minhas” aptidões, os “meus” direitos podem se tornar um real e hipócrita obstáculo ao ministério de cura. Como concebo a minha liberdade? Sou “interiormente livre” para cumprir a missão que me é confiada ou estou condicionada pela preocupação comigo mesma?
3. Reconheço que a fecundidade do ministério de cura pastoral depende exclusivamente da medida do abandono de mim mesma a Deus? Como vivo essa *entrega* ao Senhor no cotidiano?
4. Estou ciente que enquanto anuncio o Evangelho tenho necessidade de ser continuamente evangelizada? E que adaptar-me ao Evangelho é a verdadeira inculturação porque torna possível que a minha vida esteja toda a disposição dos destinatários: aberta à sua cultura e às suas esperanças?

Escrevo os pensamentos e os sentimentos que a oração da Palavra suscitou em mim, para não esquece-los e para poder partilhar com minhas coirmãs.

*N.B. O que vivi na oração e que tomei nota, posso enviar diretamente à superiora geral para contribuir na preparação do seminário sobre o nosso ministério de cura pastoral.*

### Partilha na comunidade

- 1- Invocar o Espírito Santo
- 2- Rerler juntas o texto da Palavra meditada
- 3- Partilhar o que cada uma colheu na oração pessoal
- 4- Permanecer em silêncio para saborear o gosto daquilo que cada uma partilhou
- 5- agradecer pelo dom recebido

Se a comunidade quiser contribuir na reflexão sobre o ministério de cura pastoral, uma irmã toma nota dos elementos essenciais da partilha para enviá-los à sede provincial que recolherá o material em vista do Seminário e o enviará ao governo geral.

Roma, casa Geral  
Janeiro de 2008